

REFLEXÕES SOBRE O FAZER PSI NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL EM CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

DÉBORA AIRES DA COSTA¹; GUSTAVO PIRES IBEIRO²; MONIQUE NAVARRO
SOUZA³; MÍRIAM CRISTIANE ALVES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – debora.aires.costa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gustavoppires7@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul- moniquenavarro0410@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O estudo objetiva refletir sobre o fazer Psi no campo da saúde mental em contexto da pandemia da COVID-19, problematizando o conceito de interseccionalidade. Conforme AKOTIRENE (2019), a partir de uma sensibilidade analítica, a interseccionalidade investiga e observa o cruzamento de sistemas de opressão e suas consequências, para que assim se possa pensar nas condições estruturais e ferramentas necessárias para formas de intervenção. Nos deslocamos de perspectivas individualizantes e coloniais para refletirmos sobre a sobreposição de opressões vivenciadas por populações que foram e ainda são mais atingidas pela pandemia da COVID-19.

Emerge de uma atividade acadêmica realizada para a disciplina de Psicologia da Saúde: Promoção e Prevenção, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A partir de uma entrevista realizada com um psicólogo de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), fomos provocados a pensar na atuação profissional da Psicologia no contexto da pandemia de COVID-19, suas potencialidades e fragilidades; bem como os efeitos do atual desgoverno na intensificação de retrocessos nas políticas públicas de saúde mental.

Em discussão sobre os diversos atravessamentos deflagrados durante a entrevista e prezando pelos aspectos éticos de pesquisa, lançamos mão de uma narrativa ficcional (EVARISTO, 2017), guiada pela imaginação através da escrita e amparada do conteúdo que nos foi compartilhado. A partir da narrativa ficcional, nos propomos a tensionar algumas fragilidades da atuação profissional da Psicologia no campo da saúde mental e dos espaços em que pessoas em sofrimento psíquico passam despercebidas pelas políticas públicas em contexto da pandemia de COVID-19.

A relevância do estudo está na possibilidade de reflexão sobre a atuação profissional da Psicologia em espaços de saúde mental, de atendimento à comunidade e de promoção de saúde; de fomento ao debate sensível e atento sobre os atravessamentos que compõem a realidade social brasileira no contexto da pandemia de COVID-19.

2. METODOLOGIA

EVARISTO (2017) salienta que ao produzirmos um texto ficcional, partimos de um espaço que corresponde à nossa história e ao que estamos vivendo, criando uma potencialização para a escrita, já que a bibliografia convencional da academia, geralmente, corresponde a uma hegemonização do conhecimento - um

saber científico que parte da branquitude, elitista, patriarcal, eurocentrada, colonizadora.

Neste estudo, nossa aposta metodológica parte de autores e autoras que criam e contribuem para a literatura usando como ponto de referência a realidade que nos cerca, ou seja, aquilo que escutamos e sentimos de um profissional da Psicologia trabalhador de um CAPS sobre o cuidado em saúde mental no contexto da pandemia da COVID-19, mas, também, aquilo que escutamos e sentimos em nosso cotidiano através de diversos meios de comunicação.

O uso ficcional neste trabalho acadêmico tem a potência de produzir deslocamentos que aproximam e por vezes misturam a imaginação da realidade, aprofundando o sujeito da complexidade que envolve essas relações (ALBUQUERQUE, PALAZUELOS, TREVIZANI, 2017). Essa escrita, além de acadêmica, também é afetiva, inserindo aspectos da realidade do escritor na produção de conhecimento. Produz resistência aos caminhos da ciência convencional e dispensa a neutralidade que habitualmente é imposta no processo científico, cumprindo com a responsabilidade política de gerar um conhecimento inclusivo e abrangente (BAREMBLITT, 1996). Trata-se de uma produção acadêmica situada e encharcada pela complementaridade entre razão e emoção, apresentada em cenas e diálogos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na cena conversam Rodrigo e Marisa, por telefone. Rodrigo, é um homem cisgênero, branco, psicólogo do CAPS e está atendendo durante a pandemia via ligação telefônica e por mensagens de texto através do aplicativo Whatsapp. Marisa é uma mulher cisgênero, negra, dona de casa, com 48 anos de idade, natural de Pelotas-RS, atualmente reside em Monte Bonito-RS com o marido, Carlos, e com o filho, Gabriel, de 8 anos. Carlos é um homem cisgênero, branco, com 54 anos. Marisa buscou atendimento no CAPS para seu filho em fevereiro de 2020 (pouco tempo antes da Organização Mundial de Saúde ter declarado a pandemia do novo Coronavírus) por recomendação da escola, já que o menino apresentava muita dificuldade de concentração e aprendizagem. No entanto, durante a pandemia da COVID-19, a orientação de isolamento físico interrompeu os atendimentos de saúde não considerados como de urgência e emergência, incluindo o atendimento ao seu filho. A narrativa ficcional se inicia no meio da conversa entre mãe e psicólogo, após as formalidades iniciais e a partir de alguns relatos de Marisa.

Psicólogo: A senhora disse que está passando mais dificuldade com o Gabriel ultimamente, que comportamentos ele apresenta que fazem a senhora perceber isso?

Marisa: Ele tem brigado mais, tudo é motivo pra ele fazer birra, gritar. Mal se concentra no que é do colégio, não aprende nada porque é muito agitado, e fica ainda mais toda vez que meu marido chega em casa... [pausa]. Ele bebe, grita, e isso assusta o guri.

Psicólogo: [...] Seu marido apresenta algum outro comportamento desse?

Marisa: Não, ele só grita e a gente briga, mas eu tento fazer ele parar pra não deixar o guri nervoso. E o Gabriel... [voz embargada] sabe como é doutor, ele é tudo pra mim e ver que isso tá interferindo nele acaba comigo. Mas eu tô muito cansada, é só eu pra explicar as folhinhas que a escola manda e ele não presta atenção, daí às vezes quando finalmente ele se concentra chega o Carlos... [pausa longa].

Psicólogo: O seu marido já ficou tão furioso a ponto de partir para a violência física com a senhora ou com o seu filho?

Marisa: Já sim [falando muito baixo].

Psicólogo: A senhora quer me contar mais sobre isso?

Marisa: Desde que o Gabriel nasceu ele começou a mudar. Antes ele só gritava, tudo ele se estourava, batia boca. Mas de uns tempos pra cá... [chorando] tem sido difícil aguentar. [Chorando] Esses dias até uma faca ele pegou e se veio direto a mim. Às vezes eu tenho vontade de sumir, mas o Gabriel precisa de mim.

Psicólogo: Isso que a senhora relata é muito grave. Agradeço pela confiança em dividir comigo essa situação. A senhora já pensou em denunciar essas violências?

Marisa: [Falando baixo] Eu não posso denunciar ele, sem ele não tenho como sustentar meu filho. Como vou garantir o alimento para meu filho? Eu não posso trabalhar fora porque o Gabriel depende muito de mim, ainda. Ninguém entende ele como eu... E me sinto muito perdida, porque o dinheiro que era pra gente comer, ele joga fora tudo em cachaça [...]. E se antes o dinheiro era pouco, com a pandemia parece que virou nada.

A narrativa ficcional evidencia a complexidade de um atendimento remoto por meio de ligação telefônica, desenvolvido por um profissional da Psicologia em um CAPS. Uma ficção que se tornou realidade em muitos territórios deste país. No Rio Grande do Sul, segundo dados da Defensoria Pública do Estado (DPE), entre 2020 e 2021 foi registrado um aumento de 70% na procura por atendimentos relacionados a violência doméstica.

De acordo com a pesquisa liderada em maio deste ano (2022) por Marcelo Neri, diretor da Fundação Getúlio Vargas Social, houve um aumento nos índices de insegurança alimentar entre 2019 e 2021 no Brasil, especificamente para as mulheres, que segundo dados da pesquisa sofreram um aumento de 33% para 47% na insegurança alimentar, ao passo que os homens se mantiveram estáveis quanto a isso (NERI, 2022). Outro estudo aponta para o avanço da pobreza e da miséria no Brasil comparando os dados de 2021 e 2022, de modo que as classes D e E são ocupadas por mais da metade da população e são também as que mais gastam de forma proporcional à sua renda com itens essenciais, equivalente a 78,6% dos seus ganhos (AMAZONAS ATUAL, 2022).

Sabemos que a violência doméstica e o aumento da pobreza está atravessada pelas opressões de raça e gênero. Assim, desenvolver uma escuta psicossocial no campo da saúde mental e em contexto da pandemia da COVID-19 exige um exercício analítico sobre as opressões que são impostas aos sujeitos. É preciso ter o cuidado de não adotar explicações simplistas, de lógica causa e efeito, que não levam em consideração os contextos social, histórico, racial, econômico e de gênero, além de outros atravessamentos que compõem e complexificam a realidade social, visto suas múltiplas especificidades.

Os dados aqui apresentados vão ao encontro das ideias de MBEMBE (2011) quando refere que todos os corpos se tornaram uma arma letal. No entanto, a maior probabilidade de morte está marcada por gênero, raça, classe e território (SOUZA, 2020). Acreditamos que a violência colonial e os marcadores sociais que hierarquizam o humano influenciam diretamente o adoecimento psíquico e sistêmico da população, especialmente da população negra. A partir do que surge no contexto de atendimento psicológico, refletimos sobre a ampliação das noções de saúde mental, principalmente no que abrange a proteção dos direitos humanos e sociais frente a um contexto tecnopolítico e pandêmico, atravessado por políticas de vida e de morte, as quais são imprescindíveis para uma rede

consistente de cuidado. Dessa forma, firma-se a luta pelo fortalecimento de sistemas como o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Enquanto futuros profissionais de Psicologia, percebemos a importância de viabilizarmos configurações de atuação que considerem a interseccionalidade como potencializadora do cuidado integral em saúde mental.

4. CONCLUSÕES

O cuidado se produz em coletivo. Falamos aqui não sobre ajustarmos indivíduos a uma dada sociedade, mas sobre (re)orientarmos a saúde mental para a esfera coletiva e suas demandas singulares para a escuta interseccional do viver humano, que não cessa de se transformar e nos transformar.

O estudo trata da necessidade de nos nutirmos de humanidades, das redes afetivas que construímos cotidianamente. Trata das conexões com nossas histórias, com nosso presente, com as ferramentas disponíveis e com a criação de outras. Reforçamos a importância de um fazer Psi contextualizado, situado e coletivo, que leve em consideração os diversos fatores que constituem as subjetividades, para que não se reproduzam violências em suas práticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, K. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Polén, 2019.

ALBUQUERQUE, A. S.; PALAZUELOS, F. R.; TREVIZANI, T. M.. Imagem e Ficção na Produção de Conhecimento em Psicologia Social. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre , v. 7, n. 2, p. 88-105, ago. 2017 . Acessado em 10 jul. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000200007&lng=pt&nrm=iso.

AMAZONAS ATUAL. **Miséria e pobreza avançam no Brasil, mostram consultorias**. 2022. Acessado em 27 jul. 2022. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/miseria-e-pobreza-avancam-no-brasil-mostram-consultorias/>.

BAREMBIITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

EVARISTO, C. Itaú Cultural. **O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo**, 2017. Acessado em 25 jul. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&ab_channel=Ita%C3%BACultural.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Barcelona: Melusina, 2011.

NERI, M. C. Insegurança Alimentar no Brasil: Pandemia, Tendências e Comparações internacionais. **FGV Social**, Rio de Janeiro, 2022. Acessado em 27 jul. 2022. Disponível em: https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Texto-Inseguranca-Alimentar-no-Brasil_Marcelo-Neri_FGV-Social.pdf.

SOUZA, F. O dia em que a vida parou. Expressões da colonialidade em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, 2020.